

“RESPOSTA AOS ESCRITOS DE DEIRDRE BROWER LATZ E RUBEN FERNANDEZ”
Nell Becker Sweeden, Diretor, Ministérios Nazarenos de Compaixão, EUA/Canadá

A justaposição da representação da pergunta de Jesus apresentada no evangelho sinótico: “Quem você diz que eu sou?” E o mandato de “tomar tua cruz e seguir-me” não é coincidência. As palavras e ações de Jesus nunca estão nas Escrituras. De fato, o apelo de Jesus para “tomar tua cruz” vem logo após a repreensão de Jesus a Pedro: “Arreda-te de mim Satanás”, e isso na sequência da confissão anterior de Pedro de Jesus como Messias. Pedro não entende, no entanto, que ser o Messias não é um chamado triunfante, mas um caminho forjado com sofrimento, rejeição e morte. Exatamente como a compreensão confusa de Pedro e dos discípulos, nós discípulos não conseguimos entender.

A despeito da minha afeição pela palavra “Evangélico”, seu significado é agora contestado e profundamente mal interpretado no contexto dos EUA. O discipulado cristão hoje, eu contendo, baseia-se no contexto narrativo da recusa de Pedro em aceitar o sofrimento e rejeição do Messias. Especificamente, a riqueza e o conforto são mais característicos da cristandade nos EUA que entrar no sofrimento da palavra. A este respeito, cristãos americanos muitas vezes fracassam em perceber a visão corporativa da salvação e restauração que Jesus inaugurou para o mundo. Inevitavelmente, isto alimenta-se na fácil construção de um mundo “sanitizado” no qual os cristãos podem facilmente encobrir sua cumplicidade pecaminosa no sofrimento do mundo e tentam “consertar” o sofrimento através de uma pretensa força do seu dinheiro e estratégias. Tal soteriologia é fundamentalmente falha. Da mesma forma que os discípulos representados no Evangelho de Marcos—“vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam” (Marcos 4:12). Esta é a hora de nós cristãos americanos nos

arrependermos e redescobriremos o que significa seguir o Crucificado que veio para redimir a criação.

Os papéis de Brower-Latz e Fernandez chamam a igreja para a memória perigosa da Cruz e impulsionam a igreja para um discipulado dispendioso. Seus artigos recordam que a natureza pessoal do discipulado é inerentemente corporativa. Minha resposta se concentrará no último, porque o reconhecimento do pecado sistêmico e a redenção corporativa é dolorosamente necessário na cultura de individualismo e interesse próprio dos Estados Unidos. A igreja dos EUA - e especificamente a da inclinação evangélica - está se afogando no seu hiperfoco no pessoal. É claro que a salvação de Deus é profundamente pessoal, mas a confusão da personalidade com a "individualidade autônoma" nublou o entendimento cristão dos EUA longe da salvação corporativa que Jesus proclamou.

O cristianismo dos Estados Unidos tem dado aos cristãos permissão para perseguir interesses econômicos individuais com pouca consideração pelo próximo; ele tem até mesmo dado permissão para “seguir Cristo” na privacidade do lar e fora da formação da igreja. Como resultado, descobrimos que os ritmos corporativos da Igreja (como o Advento) são muitas vezes atropelados pelos hábitos individuais do consumismo (Black Friday e Cyber Monday); o entendimento do discipulado como dependência radical de Deus é substituído por um moto nacional de “independência”. O discernimento cristão é substituído por políticas nacionais e partidárias e pela proteção de direitos individuais; e o amor e devoção a Deus e ao próximo transformaram-se em mensagens desencarnadas em plataformas de mídia virtual. A tradição evangélica que tão desesperadamente precisa recuperar a natureza corporativa do cristianismo tornou-se rapidamente endoutrinada por outros tipos de “corporativos”. A frase clássica de São Cipriano do terceiro século: “fora da Igreja não há salvação,” é uma crítica perfeita ao

cristianismo americano.¹ Embora, naturalmente, a igreja tão conceituada, de fato, se manifeste de forma bastante diferente do que o esperado, já que os discípulos estão sendo moldados continuamente no Corpo de Cristo. A salvação tem uma forma eclesial porque trata-se de um povo transformado em um modo de vida distinto que será sinal da restauração “já/não ainda” de Deus. Assim como o pessoal nunca é divorciado da encarnação corporativa e práticas de formação de hábitos do discipulado, de fato, o discipulado individual não é anterior ou mais básico do que o corporativo. A soma dos discípulos individuais para fazer um todo não constitui a igreja. Um cristianismo mercantilizado, no entanto, tende a orientar seu objetivo final para o número de conversos individuais, limitando assim o discipulado como meio para povoar o crescimento da igreja.

Assim fazendo, a igreja, de forma terrível, negligencia o discipulado como padrão em um modo de vida inteiro moldado para o propósito expresso de apontar para o reinado transformador de Deus que é salvação para o mundo. Em lugar algum, isso é mais aparente do que na falta de compreensão da tarefa da igreja de proclamar e demonstrar as boas novas do Reino de Deus. Na tradição neo-evangélica do século XX, priorizamos tanto a proclamação individual e métodos pragmáticos para “salvar almas” que reduzimos as boas novas a fórmulas, etapas ou “thingamajig” em uma caixa. Pelo contrário, o caminho de Jesus, como atesta a Escritura, é muito mais do que uma receita ou fórmula. Na verdade, ele aponta para um reinado insondável e incompreensível mesmo para os próprios discípulos de Jesus!

¹ Cyprian of Carthage, Epistle 72:21. Also see Bryan P. Stone “The Missional Church and the Missional Empire,” 4 presented at the Global Theology Conference, Johannesburg, South Africa, March 23-26, 2014, published in *Didache: Faithful Teaching*, 13: 2 (Winter 2014).

Por sua vez, “Como participamos do sofrimento redentor de Cristo em prol de uma criação quebrada e ensanguentada (que não pode se redimir)” e “Como podemos trocar o paradigma espiritualista pelo paradigma do compromisso de servir ao mundo?” Eu entendo que os desafios de Brower-Latz e Fernandez a seus próprios contextos são também um desafio eclesial nos EUA. Juntos, a igreja só pode estender a redenção de Deus se ela for moldada no corpo de Cristo, que começa com o quebrantamento e é expressa no discipulado. A própria vida e ministério de Jesus - de fato, sua inauguração do Reino de Deus - abriu-se externamente a uma “criação quebrada e ensanguentada” para oferecer um novo caminho a todos. Jesus insta seus discípulos a fazerem o mesmo.

As passagens de Marcos que precedem “toma a tua cruz e segue-me” (Marcos 8:34) ilustram o tipo de reino para o qual Jesus aponta seus discípulos. Aqui, Jesus oferece muitas oportunidades para que seus discípulos vejam o Reino vindouro, mas eles permanecem cegos.² Marcos 6 e 8, por exemplo, apresentam dois milagres de alimentação estranhamente semelhantes realizados por Jesus. Primeiro, em Marcos 6: 30-44, quando as multidões de judeus seguiam Jesus e começou a ficar tarde, os discípulos sugeriram que Jesus os dispensasse para voltarem para casa afim de conseguirem comida. Para surpresa dos discípulos, Jesus pediu-lhes para alimentar as pessoas. Eles trouxeram cinco pães e dois peixes, e miraculosamente Jesus os abençoou e alimentou abundantemente o povo. Embora este tivesse sido um sinal glorioso, não era necessariamente inesperado, para o Messias do povo judeu. Curiosamente em Marcos 8, quando Jesus e os discípulos estavam em território gentio, e as multidões os seguiram por três dias (três dias sem comida!), Os discípulos não tiveram tanta empatia com sua fome. Jesus

² I’m indebted to Andy Johnson, Nazarene Theological Seminary, for illuminating conversations about the Markan passages.

também esperou três dias enquanto seus discípulos nada disseram. No entanto, em última instância, na plenitude da compaixão, ele novamente os alimentou abundantemente. Nestes dois atos, Jesus ilustra que o Reino de Deus não conhece limites. Os discípulos de Jesus que testemunharam essas coisas, no entanto, não entenderam. Continuamente em Marcos, os discípulos não conseguiram ver, enquanto os gentios - a mulher siro-fenícia (Marcos 7:26), o homem surdo e mudo (Marcos 7:32), e o cego de Betsaida (Marcos 8:22) - testemunharam Jesus inaugurar um Reino abundante.

Ao recordar os milagres alimentares nos evangelhos, muitas vezes é das multidões - isto é, dos números - que os cristãos evangélicos se lembram. Os números, no entanto, significam apenas muitas pessoas (e muita sobra de pão). Pelo contrário, o sinal do Reino reside em quem Jesus está alimentando - judeus e gentios. A compaixão de Jesus não conhecia limites e apontava para um reino que não possui fronteiras. Jesus veio para o mundo inteiro. Continuamente em Marcos, Jesus incita os discípulos a compartilhar as boas novas indiscriminadamente. Mas, primeiro, eles devem se afastar de suas próprias concepções de Reino e seguir o caminho que Jesus veio para oferecer ao mundo.

Enraizada no contínuo ato de seguir, o discipulado exige o abandono de um caminho para abraçar outro. Ao seguir Jesus, as vidas se tornam padronizadas por um caminho particular - que começa a assumir o caráter e a missão de Jesus, e que é marcado pelo amor e pela cura para todas as pessoas. O caminho cruciforme da vida e do ministério de Jesus evoca a palavra compaixão - a compaixão de Deus pela criação, revelada de forma tão pungente, no próprio sofrimento de Jesus em prol de um mundo ensanguentado e sofredor. À medida que nossa igreja considera coletivamente o que significa “tomar sua cruz e seguir”, que ela possa levar a sério o chamado “para sofrer com” a fim de oferecer o futuro esperançoso de Deus para o mundo. O

caminho de Jesus aponta os discípulos para lugares de quebrantamento e para os negligenciados e esquecidos para oferecer o amor de Deus de forma indiscriminada. O Reino pertence àqueles que não contam ou que são rejeitados na sociedade porque não têm interesse em manter as coisas do jeito que elas são, o que, por sua vez, lhes dá olhos para ver de maneira diferente. Enquanto isso, em Marcos, os discípulos de Jesus - aqueles que literalmente “tinham uma relação pessoal com Jesus” - muitas vezes não conseguiam ver o que ele estava fazendo, enquanto aqueles dos quais menos esperavam viram. Senhor, Jesus Cristo, tenha misericórdia de seus discípulos e mostre-nos seu modo de fazer.